

F Gerald Thomas prepara espetáculo sobre ícones da cultura americana e admite que Brasil é moderno

Faroeeste pop-caboclo

LUIZ FERNANDO VIANNA

O diretor que foi acusado de germanizar o teatro brasileiro nos anos 80 é um apologista do Brasil. O sentido desta expressão mudou, obviamente, assim como mudaram Brasil, mundo e teatro. Gerald Thomas, por sua vez, diz que não mudou. Mas até ele reconhece — por telefone, de Nova York — que é crescente uma certeza antes não muito manifestada por ele: o Brasil é moderno.

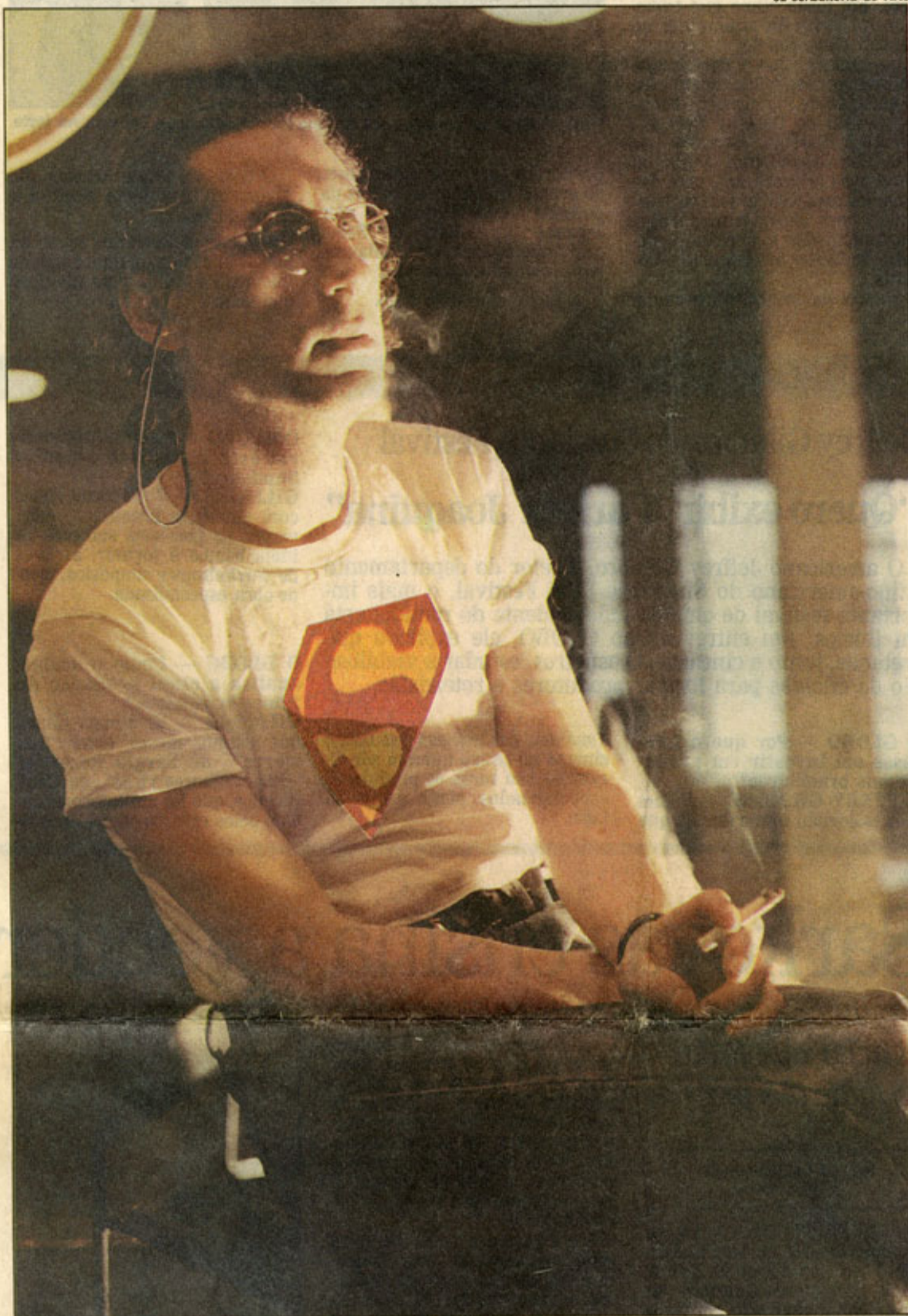
Não há qualquer nacionalismo nesta sentença. Gerald diz que só tem compromisso com a fragmentada e totalmente pop cultura americana. Ele, inclusive, levará ao palco ícones desta cultura em "West Union", trilogia que estreará em 1996 com músicas de Philip Glass. O fortalecimento da certeza da modernidade brasileira tem duas origens recentes: estadas frequentes em Cracóvia, na Polônia, onde está ensaiando a ópera "Zaide", de Mozart, e acaba de assumir um compromisso com a companhia do lendário diretor Tadeusz Kantor; e duas semanas passadas em Portugal, onde apresentou os espetáculos "The flash and crash days", "O império das meias verdades" e "UnGlauber".

— Portugal, Polónia e toda a Europa Central são o avesso do modernismo — diz Gerald. — Perderam sua identidade, não sabem para onde ir e não têm qualquer iniciativa de reação cultural. Já o Brasil tem uma identidade gigantesca, tem a voz de Caetano Veloso, tem uma música de extrema criatividade, com gênios como Jobim, Ary Barroso e Pixinguinha. O Brasil deu a volta por cima no processo colonizador que sofreu de Portugal porque embarcou nas vias do modernismo. Há um compromisso com a juventude. O problema é que o brasileiro tende a reclamar muito de si próprio, é um "narciso às avessas", como dizia o Nelson Rodrigues. Sugiro o fim da reclamação brasileira.

Resultado do encontro de duas agendas apertadas, a parceria de Gerald e Glass prevista para 1997 está mais adiantada do que "West Union", cujos ensaios da primeira parte começam no segundo semestre deste ano. Glass já compôs o primeiro ato da versão operística dos "Contos de Canterbury", de Geoffrey Chaucer, que Gerald montará apenas em setembro de 1997 nas cidades alemãs Leipzig, Dresden e Weimar.

A parte sobre os índios de "West Union" será encenada com uma companhia dinamarquesa e estreará em Copenhague em 19 de janeiro, indo depois para Adelaide, Sidney, Hong Kong, Jerusalém, Hamburgo, Munique, Glasgow e Nova York. A seguir, Gerald dirige Luiz Damasceno, Ludoval Campos e Milena Milena, atores de sua Cia. de Ópera Seca, nos espetáculos sobre caubóis e super-heróis.

— Na ópera "Mattogrosso", em 1989, eu já brincava com Batman e Super-homem — lembra Gerald. — Foi uma espécie de



Gerald com o símbolo do Super-homem, personagem de "West Union", trilogia sobre heróis, caubóis e índios

02-93/Editoria de Arte

Diretor põe 'Zaide' num funeral

Gerald Thomas volta a Cracóvia em 22 de abril para entrar na reta final de um projeto de dois anos. Ele estreia em 17 de junho, em Florença, a primeira encenação de "Zaide", ópera incompleta de Mozart. Gerald conta que o primeiro ano foi de arregimentação dos elementos internacionais da empreitada: produção franco-americana, músicos poloneses, cenários dinamarqueses, cantores de vários países e o compositor italiano Luciano Berio, que costurou as árias deixadas pelo gênio alemão.

— Trabalhar de forma tão fragmentada não é problema para mim, porque meu trabalho é em si fragmentado — diz Gerald. — Não procurei dar sentido à música de Mozart, apenas dar a ela um território, que é um funeral. O protagonista se finge de morto e só canta quando não há ninguém. E a costura de Berio é moderna, atonal, rompe com a própria música de Mozart.

Depois de Florença, "Zaide" vai a Bruxelas, Paris, Estrasburgo, Lausanne, Praga, Hamburgo e Nova York. Em outubro, antes de concluir com Philip Glass "West Union", Gerald estreia "Doutor Fausto", de Busoni, iniciando um compromisso de cin-



Glass: parceiro em ópera e peça

co anos com a Ópera de Viena. Em julho de 1996, ele planeja estreitar em Copenhague e Weimar duas versões de "Tristão e Isolde". E a mesma ópera de Wagner que ele viu recentemente em Bayreuth encenada por seu ídolo Heiner Müller com muito neon e cores fortes, uma brincadeira com o que a queda do Muro de Berlim lhe permitiu ver.

A luta contra o 'mausoléu Kantor'

O compromisso acabou de ser assumido, mas só no segundo semestre de 1996 Gerald Thomas deverá estreitar um espetáculo com a companhia Teatro Cricot 2, criada por Tadeusz Kantor em 1955 e dirigida por ele até a sua morte, em 1990.

— Os atores estão confusos, não sabem o que fazer e não têm dinheiro, porque cobram US\$ 3,5 mil por apresentação, enquanto minha companhia cobra US\$ 10 mil. É um absurdo que não vai acontecer mais — afirma o diretor. — Eles têm o compromisso de levar o repertório de Kantor ao mundo, mas o grupo não pode virar um mausoléu. Metade do trabalho tem que ser de renovação. Eu levo a eles uma revolução lingüística na boca, por causa da cultura americana. Imagine o que significa um rapper para eles.

O espetáculo não deverá ser baseado em Shakespeare. Gerald considera difícil encontrar paralelo entrar suas peças e os dias de hoje, com exceção de "Coriolano". O mundo pop estará em cena certamente, e no repertório deste mundo Gerald inclui até os sombrios Heiner Müller e Samuel Beckett, de quem montou no Brasil, respectivamente, "Quartet" e "Quatro vezes Beckett".

— Müller é um destruidor que pegou 18 frases de "Medeia" e fez "Medeamaterial" — aponta. — É o que Andy Warhol fez com a garrafa de Coca-Cola: a síntese absoluta. Em "Hamletmachine" ele pega apenas a máquina da dúvida de Hamlet. Isso é pop art. Beckett fez o mesmo com o teatro convencional. Ele apenas não é colorido, é muito cinza.

“ O Brasil tem uma identidade gigantesca. O país está comprometido com a juventude ”

Gerald Thomas

“ Quero pegar o Super-homem sem a capa, mais psicológico. Será o Clark frio. ”

“ Eu levo na minha boca ao grupo de Kantor uma revolução lingüística ”

esquete de tudo que eu fiz depois. É muito complicado pôr super-heróis no teatro, porque eles voam, explodem coisas. Então, em "West Union" quero pegar o Super-homem mais psicológico, sem a capa, no quarto, broxan-

do. Será o Clark frio. Segundo Gerald, pôr a cultura pop no palco não pode ser, no Brasil, tónica apenas de seu trabalho.

— A cultura de massa vai ter que entrar no teatro brasileiro

— aposta. — Não dá para ficar montando tragédias gregas, fazendo reverência a uma cultura antiga. Parece que estão querendo impressionar os cultos, como quem quer tirar nota 10 na escola. É uma bobagem.

LIQUIDAÇÃO

Sandpiper

Camisas

Manga Curta ou Longa

TODAS 19,90

Calças de Pregas

Algodão ou Gabardine

TODAS 29,90

Bermudas

ATÉ 70%